



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de lançamento dos
programas de defesa agropecuária do
Ministério da Agricultura e do Abastecimento*

SEDE DA EMBRAPA, BRASÍLIA, DF, 10 DE JANEIRO DE 2001

Meus caros companheiros de mesa; Senhoras e Senhores aqui presentes, e todos já foram citados pelos que me precederam no uso da palavra,

Eu, primeiro, quero lhes confessar o seguinte: quanto entrei aqui, fiquei animado, porque pensei que nós fôssemos assistir a um show, porque vi aqui a Lúcia Veríssimo, o Sérgio Reis, o Almir Sater. Depois é que descobri, perguntando, baixinho, ao Ministro, se havia alguma coisa preparada. Ele disse: “Não. São criadores.” Fiquei mais contente ainda.

Isso mostra que essa atividade pecuária, e não só a pecuária, mas a rural, no Brasil, em geral, realmente tem raízes muito profundas entre nós, e raízes que se renovam. Cada vez, temos mais gente que não veio do campo, mas que está indo para o campo e no sentido de querer produzir.

Creio que o ato a que estamos assistindo hoje – não preciso me referir aos detalhes, o Ministro Pratini já apresentou os avanços havidos nos últimos anos – é bastante significativo, bastante simbólico. Recordo-me que, há uns três anos – não me lembro exatamente quantos –, no Itamaraty, fez-se um encontro a respeito de febre aftosa. Eu compareci a esse encontro e fiz um conferência sobre febre aftosa. Quando o

Presidente faz uma conferência, naturalmente algum assessor fornece dados. Eu sabia alguma coisa de aftosa porque tinha muita preocupação com o assunto, porque qualquer brasileiro que tem uma noção da nossa potencialidade e também dos nossos riscos sabe que o combate à aftosa – e o combate agora acabou de ser vitorioso com a erradicação da peste suína clássica – é uma das condições fundamentais para que passemos, enfim, desse permanente refrão de que o Brasil tem toda potencialidade, para aquilo que é mais prático: mais que potencialidade, está realizando o seu potencial.

Não poderíamos realizar o nosso potencial exportador nessas áreas se não fôssemos capazes de combater essas moléstias, que realmente limitavam muito a obtenção dos resultados que estavam visíveis, quase ao alcance da mão, mas sempre frustrados.

O momento que vivemos é de qualidade. E é isso que acho que estamos comemorando hoje. Acho que a referência feita àqueles que conduziram esse programa e, certamente, aos muitos outros que não foram mencionados, mas que trabalharam nesse programa, é essencial porque, se não houver um salto de qualidade, a quantidade por si só, no mundo moderno, não vale muita coisa.

Nós temos um rebanho bovino imenso. Nós temos, agora, condições excepcionais para a criação suína, para a criação de aves. Tudo isso é verdade. Peixes, o que seja. Agora, o que nós estamos alcançando é a consciência da qualidade.

Ao entrar aqui, ao passar lá na exposição, ao ver alguns animais que estavam expostos e ao receber um cartãozinho que mostra a origem do animal, como ele foi criado, qual é a condição desse animal, isso é que vale. Isso é que vai mais no futuro.

Eu queria felicitar o Ministro Pratini de Moraes e a todos os seus colaboradores por causa desse salto de qualidade que está sendo dado, que é essencial. E esse salto de qualidade significa não apenas produtores, como muitos dos que aqui estão e muitos outros que não estão, significa que também os dirigentes políticos, como muitos que aqui estão, significa que o serviço público em geral está tomando consciência da importância da qualidade. Mas significa uma outra coisa tam-

bém, e esta casa, aqui, merece realmente o reconhecimento nacional. Significa que existem técnicos, cientistas, gente competente, trabalhando na qualidade.

Não fosse a Embrapa, nós não poderíamos cantar as loas que estamos cantando hoje, porque teríamos, certamente, esse cerrado imenso, mas nós estaríamos talvez, ainda, como era no tempo em que eu era estudante, que se dizia que o cerrado era enorme, mas que não tinha condições de ser transformado em terra sequer agricultável.

Eu nunca vou me esquecer que, na universidade, havia um professor chamado Ferre, que é professor de geografia e de botânica. E, na verdade, ele chamava a nossa atenção para o potencial do cerrado. Naquela época ainda era um potencial, mas já havia gente cuidando de transformar esse potencial em alguma coisa utilizável.

Nós só ganhamos o cerrado nas últimas décadas. Nós conquistamos o cerrado para o Brasil, para a população brasileira e, como condição de base para a expansão da nossa produção, há muito pouco tempo. Por trás disso estiveram os nossos cientistas, os nossos pesquisadores, os nossos técnicos. A Embrapa é, realmente, um exemplo para todo o Brasil. Diria até, não sei se com algum exagero, não só para o Brasil. Não sei se existem muitas outras organizações no mundo que têm a concentração de gente com doutorado, com mestrado, com especialização na área rural como nós temos na Embrapa, não sei quantos, mas nós já estamos nos aproximando de mil pessoas com qualificação universitária acima do usual. O que é algo importante.

Essa fusão entre a consciência social, a articulação entre dirigentes, a consciência dos produtores e a capacidade criativa e a dedicação dos cientistas e tecnólogos é que permite o avanço que nós estamos tendo no Brasil. Eu não tenho dúvidas de que, no que diz respeito à pecuária, à questão suína, à questão de aves, nós estamos realmente dando um salto muito grande. Se olharmos as condições de competitividade no mundo, esta região – não é só o Brasil, isso inclui a Argentina, inclui uma parte do Paraguai, uma parte da Bolívia, o Uruguai – é uma região que tem, realmente, uma destinação muito voltada para o *agrobusiness*.

Nós não podemos pensar, como em certos momentos da nossa história, que o crescimento econômico depende apenas da indústria. Hoje, a indústria é tudo. A agricultura é *agrobusiness* e agrega valor. Agrega valor com sofisticação. Não se trata de uma atividade primária, como ainda qualificada nos textos é uma atividade altamente agregadora de valor, e essa região na qual nós vivemos tem essa possibilidade de competitividade extraordinariamente grande no *agrobusiness*.

Isso não quer dizer, obviamente, que nós não vamos fazer o desenvolvimento do resto do país, o desenvolvimento de outro tipo de indústria, sobretudo da indústria que hoje é mais à ponta, que é a indústria relativa às tecnologias de comunicação e a informática. Até porque *agrobusiness* vai depender disso também, senão não vai haver avanço.

Mas já ultrapassamos aquele umbral de incertezas. Já não é mais o potencial para uma realidade. E essa realidade é que estamos vendo hoje, aqui, nesses avanços que foram mostrados, em dados expressivos, no que diz respeito ao controle dessas dificuldades que impediam que houvesse um avanço maior.

Eu não tenho dúvida alguma de que daqui para a frente nós precisamos investir mais, mais e mais, em qualidade. E não por acaso, nesses últimos meses nós conseguimos criar alguns fundos de desenvolvimento científico e tecnológico de grande significado.

Nos próximos anos, os setores produtivos do Brasil – e os setores produtivos no sentido duplo, não da posição apenas de mercadorias, mas de produção de idéias e de novas tecnologias – contarão com um apoio muito expressivo. Não sei dizer em números, ainda, o quanto isso significa mas, certamente, no decorrer deste ano, com os fundos que foram aprovados, no fim do ano passado, já contamos com centenas de milhões de dólares e o dobro de reais. Eu não seria muito exagerado se dissesse que, a partir do ano que vem, vamos ter mais de um bilhão à disposição daqueles que se disponham a fazer a pesquisa científica e tecnológica, estejam eles nas universidades, nos órgãos públicos ou nos órgãos privados e nas empresas. E isso é que vai assegurar, efetivamente, o crescimento econômico do Brasil e a melhoria das condições de vida da nossa população.

A batalha real é esta aí. Aqui, nós estamos dando um pequeno exemplo de uma batalha grande, que é a batalha a que já nos referimos todos, da qualidade. E nós agora estamos nos preparando, neste novo milênio, para, efetivamente, desenvolvermos mais e mais as nossas capacidades.

O Governador Jaime Lerner, ao se referir ao clima de confiança que estamos estabelecendo no Brasil, disse ser ele essencial. Essa confiança não é confiança no Governo, é confiança em cada um de nós próprios, é confiança no nosso país, é a crença de que nós temos as condições de avançar com tranquilidade, com uma visão de futuro, sem perseguições, sem afobamento, muitas vezes, porque às vezes atrapalha, com muita capacidade de discriminar o que é fundamental do que não é. Nós estamos com um clima que é um clima dessa natureza.

Acho que o exemplo desse programa que, como ressaltou com razão o Ministro, implicou a articulação com os secretários de Estado, com os governadores, com o setor privado, é um exemplo bastante expressivo daquilo que é o desafio do Brasil e da capacidade que o Brasil tem tido de dar esses passos neste momento.

Queria finalizar dizendo que o Ministro Pratini de Moraes tem, realmente, tido um desempenho muito significativo à frente da pasta. Seria injusto se não mencionasse os ministros que o antecederam. Um deles está aqui, Arlindo Porto, que é meu companheiro e Senador. Mas houve outros que o antecederam, o José Eduardo, que esteve à frente do Ministério.

Acho que é importante que a gente entenda que um processo dessa natureza é um processo que precisa de continuidade. Muitas vezes se mudam os ministros, por razões acidentais, por razões políticas, por razões pessoais, mas o que não pode mudar é o rumo do Brasil.

O Ministro Pratini deu a esse rumo um impulso muito grande. A luta que ele tem levado adiante, sobretudo na defesa intransigente do acesso a novos mercados para o Brasil – às vezes no estilo gaúcho dele, que é um pouco diferente do meu, que é paulista, mas de paulista que nasceu no Rio –, é uma luta muito significativa, porque ela mostra, simplesmente, o seguinte: nós queremos colaborar mais e mais com a

economia internacional, exportando mais, e nós temos condições para fazer isso.

Não sou pessimista. Acho que nós vamos conseguindo, progressivamente, acesso aos mercados, desde que não nos esqueçamos de que esse acesso depende também de nós. Depende da nossa capacidade de fazer o que estamos fazendo quanto à qualidade e, também, da nossa combatividade prática, para que possamos abrir, efetivamente, esses mercados.

Por isso, termino agradecendo ao Ministro Pratini e pedindo a ele que, no seu ímpeto gaúcho, desculpe, às vezes, a ponderação paulista, que não o acompanha no mesmo tom, mas pode ter certeza de que, como maestro da orquestra, sei que é preciso, de vez em quando, ter uma trombeta.

Muito obrigado.